

## **Projectar a cidade alargada: a paisagem na construção do espaço público**

Rodrigo Coelho

Devido ao alastramento fragmentado e descontínuo da mancha urbanizada, a maioria das cidades portuguesas viram nas últimas três décadas a sua condição urbana profundamente alterada, tendo como resultado mais visível a desconfiguração e a alteração da paisagem urbana em redor dos principais centros urbanos.

Associada à “privatização” parcial do planeamento da cidade (sobretudo por via das operações de loteamento), também a “falta” de objectivos políticos e um entendimento tecnocrático ou mercantilista do desenho do espaço urbano e do planeamento do território, ajudam a explicar a ausência de qualidade e de significado das “novas expansões” de cidade e dos seus espaços abertos.

Face a esta realidade urbana, que a maioria das cidades portuguesas (e europeias de média dimensão) apresentam, pretendemos reflectir sobre a plausibilidade de continuar a desenhar e a dar forma à cidade a Cidade e ao Território, designadamente a partir das suas expansões, tendo em vista a estruturação e a forma presente e futura da cidade e do território.

Neste sentido, procuraremos reflectir, sobretudo a partir de um caso de estudo concreto – o Bairro da Malagueira, em Évora (projectado por Álvaro Siza entre 1977 e 1997) -, sobre o papel e o valor da paisagem na definição de modelos de espaço (público) aberto, no sentido de resgatar para as novas expansões de cidade um papel relevante na definição da forma presente e futura da cidade e do território. Pretendemos questionar de que modo, a partir de metodologias de projecto e de concepções articuladas de espaço público e de paisagem, poderemos definir uma estrutura de suporte da urbanização mais perene e significante, capaz de evitar a ruptura da estrutura e da “narrativa” da cidade, quando confrontada com o território aberto, mais indefinido e heterogéneo.

Como hipótese de partida sustentaremos que a recuperação da consistência e do significado urbanístico e paisagístico no desenho de novas expansões de cidade (e dos respectivos espaços públicos) depende, em larga medida, da recuperação de uma concepção de cidade e de paisagem onde, forçosamente, tem um lugar de destaque o reconhecimento da importância do contexto geográfico, assim como o reconhecimento da importância de estabelecer relações de complementaridade morfológica e funcional, entre os vários componentes naturais e construídos que materializam o espaço urbano e o território.

Neste sentido, a relevância do Bairro da Malagueira, traduz-se na demonstração de que através da materialização de projectos que não separam o desenho urbano do desenho paisagístico, a cidade se pode continuar a construir, suportando a multiplicidade e a individualidade das suas partes, garantindo-se simultaneamente a dimensão colectiva e a unidade urbana e paisagística do conjunto.

Por fim, a partir deste exemplo julgamos poder afirmar a actualidade e a indispensabilidade de, quando confrontados com o problema de *fazer cidade fora da cidade*

*consolidada*, termos de reconsiderar e reinterpretar conceitos, valores e regras *ancestrais* de configuração do espaço público e da paisagem que, neste caso, voltam a revelar-se as nossas referências mais seguras.